

JASON REYNOLDS

· AUTOR MULTIPREMIADO ·



NÃO PODES FUGIR DE QUEM ÉS,
MAS PODES CORRER EM DIREÇÃO À PESSOA QUE TE QUERES TORNAR.

A todos os que correm.



Recordes Mundiais

Nem imaginam. Há um tipo chamado Andrew Dahl que tem o recorde mundial de enchimento de balões... com o nariz. Pois, é mesmo verdade. Não faço ideia de como é que ele descobriu que isso era alguma espécie de talento e nem quero pensar na quantidade de ranho com que devem ficar os balões, mas pronto, é a cena dele e o Andrew é o melhor do mundo a fazer isso. Também há uma tal Charlotte Lee que conseguiu bater o recorde da maior coleção de patinhos de borracha do mundo. Não estou a brincar. A cena mais estranha: porque é que alguém havia de querer um pato de borracha, quanto mais 5631?

Imaginem. Já eu, provavelmente, devo ter o recorde mundial de conhecer mais recordes mundiais. Esse, e o de conseguir comer a maior quantidade de sementes de girassol.

— Deixa-me adivinhar, sementes de girassol? — diz o senhor Charles praticamente aos berros, de trás do balcão da sua «loja de aldeia», como ele lhe chama, apesar de vivermos numa cidade.

O senhor Charles, que parece mesmo o James Brown se o James Brown tivesse sido branco, anda a fornecer-me sementes de girassol cinco dias por semana desde... deixem-me pensar... para aí desde o quarto ano, que foi quando a minha mãe começou a trabalhar no hospital. Portanto, há coisa de três anos. Também tem uma deficiência auditiva, mas quando a minha mãe me dizia isso ao início eu não percebia bem o que era. Não sei porque é que não se limitava a dizer «quase surdo». Se calhar «deficiência auditiva» é mais linguagem de hospital, e ela estava a começar a apanhar os tiques do trabalho. Mas pronto, o senhor Charles não consegue ouvir quase nada, e é por isso que passa a vida a gritar com toda a gente e toda a gente grita com ele também. A loja é uma autêntica berraria, já para não falar dos efeitos sonoros da televisão em voz alta atrás do balcão — filmes de índios e cowboys o dia todo. Também foi o senhor Charles

que me deu um livro, o *Guinness World Records*, onde eu fui descobrir o Andrew Dahl e a Charlotte Lee. Está sempre a dizer que um dia eu posso vir a bater um recorde. Um recorde verdadeiro. Ser o melhor do mundo numa cena qualquer. É possível. Mas há uma coisa de que eu tenho a certeza: o senhor Charles deve ter o recorde do mundo a repetir «Deixa-me adivinhar, sementes de girassol?», porque é o que diz de cada vez que eu entro na loja. O que significa que provavelmente eu já consegui bater o recorde mundial de responder em voz muito alta sempre da mesma maneira:

— Deixe-me adivinhar, é um dólar.

É sempre essa a minha resposta. Já a devo ter dito milhares de vezes. Depois enfio-lhe uma nota na palma da mão enrugada e ele passa um saco de sementes para a minha.

Logo a seguir, continuo o meu percurso em câmara lenta, parando novamente apenas quando chego à paragem de autocarro. Mas esta não é uma paragem de autocarro qualquer. É a que fica do outro lado da rua, em frente ao ginásio. Fico só ali sentado com as outras pessoas que estão à espera do autocarro, com a diferença de que eu nunca estou verdadeiramente à espera dele. O autocarro leva-nos para casa depressa, e não é isso que eu quero. Vou lá só para observar as pessoas que estão a fazer exercício. Sabem, é que no ginásio do outro lado da rua há uma janela enorme — tipo

uma parede inteira feita de vidro — em frente àquelas máquinas para fingir que estamos a subir degraus, de maneira que todas as pessoas lá dentro estão viradas de frente para a paragem do autocarro, com um ar alucinado como se estivessem prestes a desmaiar. E acreditem que é das coisas mais engraçadas do mundo. De maneira que fico ali um bocado a assistir como se fosse uma espécie de filme: *Os Alucinados Prestes a Desmaiar*, com os papéis principais desempenhados pelos trepadores de degraus. Eu sei que provavelmente isto parece estranho, ou até sinistro, mas é uma maneira como outra qualquer de nos entretermos quando estamos aborrecidos. A melhor parte de ficar ali sentado, no entanto, é devorar as minhas sementes de girassol como se fossem pipocas no cinema.

A propósito das sementes de girassol. Dantes eu enfiava uma mão cheia delas na boca ao mesmo tempo, limitava-me a chupar o sal e cuspias-as como se fosse uma metralhadora. Se calhar também podia ter batido esse recorde. Mas entretanto cresci, já não sou uma criança. Agora como-as com calma. Enrolo-as na boca, entalo-as entre os dentes para partir a casca e separo cuidadosamente a semente com a língua. Então — e aqui é que se torna mais difícil —, prendo a semente minúscula entre os dentes e a língua para cuspir as cascas. Só depois disto tudo é que mastigo a semente. Sou uma espécie de especialista nisso, embora, para

dizer a verdade, as sementes de girassol não saibam a nada. Nem sequer tenho a certeza de que valham a trabalhadeira, mas gosto do processo à mesma.

O meu pai também costumava comer sementes de girassol: foi assim que lhe apanhei o gosto. A diferença é que ele as mastigava inteiras, casca e tudo. Limitava-se a devorá-las como se fosse um bicho. Quando eu era mesmo muito pequeno, perguntava-lhe de vez em quando se não lhe ia crescer um girassol na barriga, já que comia aquelas sementes todas. Ele estava sempre a assistir a um jogo qualquer, ou futebol americano ou basquetebol, e virava-se para mim um segundo, só o suficiente para não perder nenhuma jogada, e dizia: «Os girassóis estão todos a crescer devagarinho cá dentro, miúdo.» E depois chocalhava as sementes na palma da mão como se fossem dados, antes de atirar mais um bocado para dentro da boca para as engolir.

Mas deixem-me contar-vos uma coisa: o meu pai estava a mentir. Não havia nenhum girassol a crescer dentro dele, nem poderia haver. Posso não saber muito sobre girassóis, mas sei que são bonitos e que as raparigas gostam deles, como sei que a palavra girassol é composta por duas palavras boas, e aquele homem não podia ter duas palavras boas dentro dele, nem nada de que uma rapariga gostasse, porque as raparigas não gostam de homens que tentam matá-las e ao filho. E era esse o género de homem que ele era.

Foi há três anos que o meu pai se passou de vez. Quando o álcool o tornou ainda mais violento do que sempre tinha sido. De vez em quando, ele chegava a casa à noite diferente, como se se tivesse transformado num louco raivoso, mas certo dia a minha mãe resolveu finalmente defender-se. Nessa noite, os gritos tornaram-se ainda piores. Eu tinha a cabeça ensanduiçada entre o colchão e o travesseiro, como costumava fazer durante aqueles ataques de fúria, quando a minha mãe entrou de rompante no quarto.

— Temos de ir embora — disse ela, arrancando os cobertores da cama. Eu não me mexi suficientemente depressa, de maneira que ela gritou: — Vamos!

Quando dei por mim, estava a ser arrastado pelo corredor, a tropeçar nos meus próprios pés. Foi aí que olhei para trás e o vi, ao meu pai, a cambalear para fora do quarto, com os lábios cheio de sangue e uma pistola na mão.

— Não me obrigues a fazer isto, Terri! — ameaçou irritado, mas eu e a minha mãe ignorámo-lo. Ouviu-se o som do cão da pistola a ser armado. O som da porta a abrir-se. E, assim que a minha mãe escancarou a porta, o meu pai disparou. Ele estava a atirar sobre nós! O meu pai! O *meu pai* estava mesmo a disparar... sobre NÓS! A mulher e o filho dele! Não me virei para ver em que é que ele tinha acertado, sobretudo porque tinha medo de que tivesse sido em mim ou na minha mãe.

Foi um estrondo enorme, a ponto de me fazer sentir que o meu cérebro ia explodir dentro da cabeça, ou que o meu coração pulava acelerado. Mas o mais estranho de tudo foi que o tiro — o som mais alto que alguma vez tinha ouvido — fez com que as minhas pernas desatassem a correr ainda mais depressa. Não sei se isso é possível, mas pelo menos foi o que pareceu.

Eu e a minha mãe continuámos a correr pelas escadas abaixo até à rua, embrenhando-nos na escuridão como se estivéssemos a ser perseguidos pela própria morte. Corremos sem olhar para trás, até que finalmente chegámos à loja do senhor Charles, que, felizmente para nós, está aberta 24 horas por dia. Quando o senhor Charles nos viu, ofegantes, a chorar assustados, descalços e de pijama, escondeu-nos de imediato no armazém enquanto chamava a polícia. Passámos lá toda a noite.

Não vejo o meu pai desde esse dia. A mãe contou-me que os polícias lhe disseram que, quando chegaram lá a casa, ele estava sentado cá fora nos degraus, sem camisa, com a pistola ao lado, a emborcar cerveja e a comer sementes de girassol, à espera de sabe-se lá o quê. Como se quisesse ser apanhado. Como se não tivesse acontecido nada. Condenaram-no a dez anos de cadeia e, para dizer a verdade, não sei se isso me deixou ou não satisfeito. Às vezes, gostava que tivesse levado prisão perpétua. Outras vezes, preferia que ele

estivesse em casa no sofá, a ver um jogo, e a chocalhar as sementes de girassol na mão. Seja como for, uma coisa é certa: foi nessa noite que aprendi a correr. E portanto, quando me fartei de ficar sentado na paragem de autocarro em frente ao ginásio e encontrei todos aqueles miúdos na pista de corridas do parque, a treinar, tive de ir ver o que se passava ali, porque correr é uma coisa para a qual nunca tive de treinar. É só uma coisa que eu sempre soube como fazer.



Recorde mundial da prova de seleção mais rápida de sempre

Primero fiquei só a espreitar pelo portão. Ia continuar a andar, mas depois reparei que havia outras pessoas na bancada, sem fazer nada, só a assistir ao treino. Mães e assim. Portanto, juntei-me ao grupo. Quer dizer, não me sentei *com* elas, porque isso teria sido esquisito, mas escolhi um lugar afastado num dos outros bancos. Não havia nenhuma equipa de corrida na minha escola e, mesmo que houvesse, eu não teria tentado entrar. Estava mais interessado no basquete. Era esse o meu desporto de eleição, embora nunca tivesse jogado a sério. Às vezes, quando ia a caminho de casa, parava junto ao campo a ver se conseguia

entrar num jogo, mas nunca ninguém me escolheu para nenhuma equipa, até porque os miúdos mais velhos não gostavam de jogar com putos da minha idade. Mas sempre tive a sensação de que, se me deixassem entrar, poderia ser o próximo LeBron. Nunca tinha desejado ser o próximo melhor corredor... seja ele quem for. Aliás, nem nunca tinha pensado nisso. Vi no livro dos recordes que o homem mais rápido do mundo é um gajo chamado Usain Bolt, mas nunca tinha ouvido falar dele antes. O meu pai nunca assistia a *corridas* na televisão. Há algum corredor famoso? Tipo, a sério? Eu não conhecia nenhum, mas, a julgar pela maneira como aqueles miúdos faziam alongamentos e saltavam à volta da pista, alguns deles provavelmente conheciam.

— Muito bem, vamos levantar esses joelhos! — ordenou-lhes o treinador. Era baixote e careca, mas percebi logo que não era por lhe ter caído o cabelo. Era só um daqueles gajos que o rapam completamente. Na verdade, era um daqueles gajos que rapam todos os pelos menos as sobrancelhas, o que não fica lá muito bem. Parecia uma tartaruga. Uma tartaruga com um dente lascado, uma argolinha na orelha e um apito preto à volta do pescoço. — Mais alto, mais alto, mais alto!

Havia uma série de rapazes e raparigas — mais ou menos da minha idade —, todos de calções e t-shirt,

com os braços esticados à frente do corpo, enquanto faziam uma espécie de dança aos saltos, a bater com os joelhos nas mãos.

— Anda lá, Sunny! Ainda vamos no segundo dia de treino e já estás a mandriar! — rosnou o treinador ao rapaz mais alto da equipa. Tinha uma prancheta na mão que ia batendo contra a coxa. — Levanta-me essas pernas!

Sentei-me com os pés afastados, para poder cuspir as sementes de girassol para o chão e acertar no meio deles. O sal estava a dar-me sede, mas não conseguia parar de as comer. Na pista, depois de acabarem a dança dos joelhos altos, começaram a dar saltos no mesmo lugar, enquanto abriam as pernas e os braços. A seguir, deram algumas voltas de aquecimento na pista, o que a mim me pareceu uma péssima ideia. Quer dizer, porque é que alguém havia de correr para aquecer? Só se estavam a cansar antes de começar a corrida a sério. Palermas. Finalmente, os atletas juntaram-se todos à volta do treinador com cara de tartaruga.

— Oiçam bem — disse ele. — Se estão aqui nesta pista, é porque já fazem parte dos Defenders, ou porque foram recrutados para entrarem na equipa. — Falava com eles como se tivessem entrado para o exército, ou algo parecido. — Tenho a certeza de que já sabem o que isso quer dizer, mas, para o caso de não saberem: quer dizer que fazem parte de uma das

melhores equipas de iniciados da cidade. É aqui que as escolas secundárias vêm recrutar novos talentos. E se vocês forem para uma boa escola secundária e fizerem bons resultados nos juvenis, sabem o que pode acontecer? Podem ir para a universidade de borla.

Ninguém vai para a universidade de borla só por ser bom a correr, pensei para mim próprio, enquanto cuspi uma casca. Odeio quando ficam coladas à língua e temos de as soltar com os dentes. É mesmo irritante.

Havia um miúdo com aspeto esquisito, não consigo bem explicar como era... mas deixem-me tentar. Sabem aquilo que eu disse de o senhor Charles se parecer com o James Brown se o James Brown tivesse sido branco? Bem, este miúdo parecia um rapaz branco se esse rapaz fosse negro. Esperem aí. Isto não fez muito sentido. Deixem-me tentar outra vez. A pele dele era branca. Tipo, mais branca do que a dos brancos. E o cabelo era castanho-claro. Mas a cara era a de uma pessoa negra. Como se Deus se tivesse esquecido de a pôr castanha. Esperem lá, isto é ou não parecido com o caso do senhor Charles? Esqueçam. De qualquer das maneiras, a questão é que o rapaz levantou o braço.

— Sim, Lu? — disse o treinador.

— É verdade que o senhor correu nos Jogos Olímpicos? — perguntou o miúdo.

— É verdade que tu não correste? — disparou o treinador em resposta, a meter-se com ele.

O rapaz chamado Lu ficou abananado, como se lhe tivessem batido na cara com um dos patinhos de borracha da Charlotte Lee. Como se não soubesse o que fazer.

— Hã... — balbuciou, à procura da resposta certa.

— Não te preocupes com o que *eu* fiz. Preocupa-te com o que *tu* queres fazer. Se te esforçares, posso ajudar-te a chegar lá. — O treinador limpou a saliva dos cantos da boca. — Muito bem — disse ele, virando as folhas do bloco de notas. — Vamos ver o que podemos fazer com vocês, caloiros. Lu, Patina, Sunny, às vossas posições de partida!

Os três «caloiros» apressaram-se até à outra ponta da pista.

— Tu és o primeiro, Lu. Vais correr os cem metros quando eu apitar — mandou o treinador. O gajo de aspeto esquisito, Lu, estava apetrechado com o último grito em equipamento. Sapatilhas de corrida *Nike* novinhas em folha e um fato justo de uma só peça. Como um super-herói. Usava uma fita a prender o cabelo e um colar de ouro ao pescoço, além de um diamante a brilhar em cada orelha. Os outros atletas afastaram-se para o lado enquanto o treinador levava o apito aos lábios. Tinha um cronómetro na outra mão. — Preparado... — disse entre os dentes. E depois ouviu-se um apito breve, *priiii!*, e o Lu desatou a correr.

Acabou num instante. Quer dizer, o miúdo era mesmo rápido. Quando chegou ao fim da reta, uma

mulher que estava sentada num banco na outra ponta da pista levantou-se de um salto e bateu palmas como se o rapaz fosse alguma espécie de celebridade. Eu fiquei impressionado: não o suficiente para bater palmas — a sério, só estava feliz por *finalmente* ter acontecido algo de interessante —, mas suficientemente impressionado para parar de enfiar sementes na boca enquanto ele corria.

— Bom trabalho — disse o treinador enquanto o Lu voltava a passo de trote para o pé dele com um ar de profissional. Como se não tivesse sido grande coisa, e ele soubesse disso. O miúdo olhou de relance para mim. Eu cuspi as cascas para o chão. O treinador também disse um número qualquer e tomou nota, mas não prestei atenção.

A seguir era a vez do miúdo com ar desengonçado a quem o treinador tinha chamado Sunny. Era com ele que o treinador estava a gritar quando eu cheguei, por não levantar as pernas tanto quanto ele queria durante o aquecimento. Para dizer a verdade, ele não parecia sequer capaz de andar em linha reta, pelo que achei que aquilo ia ser engraçado. O Sunny assumiu a sua posição, fechou os olhos e inspirou lenta e profundamente. Depois, o treinador apitou e lá foi ele. Deu para perceber que ele estava a esforçar-se ao máximo, mas simplesmente não ia a lado nenhum. Era como se estivesse a correr contra o vento, apesar de não haver

uma aragem. Como se os sapatos lhe pesassem uma tonelada ou os ossos fossem demasiado pesados ou fosse lá o que fosse. Ninguém o aplaudiu, e alguns dos outros miúdos ainda se riram.

— Vamos ver se se continuam a rir quando formos correr a milha — rosnou o treinador aos gozões. Eles calaram-se imediatamente. O Sunny voltou para trás e juntou-se ao grupo, imperturbável. Não se ralava nada por ter corrido da maneira mais lenta que eu jamais tinha visto alguém correr. Tinha feito um *sprint* em autêntico passo de passeio. Provavelmente, a minha mãe ter-lhe-ia dado uma abada. Se calhar, até o senhor Charles chegava primeiro, e ele deve ter uns mil anos! O treinador fez um aceno de cabeça ao Sunny antes de se virar para a pessoa a seguir. Uma miúda.

— Agora és tu, Patina.

A tal Patina era bem alta. Levantou-se e baixou-se sobre as pontas dos pés como se tivessem molas, enquanto girava o pescoço e os ombros, imagino que para descontrair os músculos. Tinha o cabelo puxado para trás num rabo de cavalo amarfanhado, com alguns cabelos frisados a eriçarem-se do elástico. Quando o treinador soprou no apito, a Patina partiu como um relâmpago, atravessando a pista bastante mais depressa que o Sunny, se bem que não tão rápida como o Lu. Mesmo assim, fiquei muito bem impressionado. Quer dizer, não conheço muitas raparigas que consigam

correr àquela velocidade. Na verdade, não conheço assim muitas raparigas que corram, sequer. Estão sempre a armar-se em divas na escola, e eu não acho grande piada a isso.

— É melhor os veteranos tomarem cuidado com esta. Ela consegue correr os oitocentos metros como se fosse só ali à esquina — disse o treinador, enquanto dava mais cinco à Patina. Se um velhote me cumprimentasse assim, eu teria de me esforçar para não me escangalhar a rir, e provavelmente até lhe pregaria uma partida, levando a mão ao cabelo. Já ela, a Patina, manteve a calma e limitou-se a voltar para a fila como se nada fosse. Via-se logo que não estava ali para brincadeiras.

Depois de o Lu, o Sunny e a Patina terem feito a sua corrida, o treinador mandou os outros atletas, os «veteranos», chegarem-se à frente e mostrarem aos «caloiros» como se fazia. E lá continuou aquilo, com o apito a tocar, e os rapazes e as raparigas, um a um, a porem-se na linha e a correrem até ao fundo da pista. O cronómetro a registar o tempo de cada um deles. Alguns eram mais rápidos que os outros. Na verdade, a maioria dos veteranos eram bastante velozes, mas nenhum conseguiu bater o menino bonito, o Lu. Ninguém. E o treinador não parava de dizer coisas como: «Ainda estão todos atrás do Lu», o que estava a irritar-me um bocado, porque... não sei. Acho que me fez lembrar

um rapaz da escola, o Brandon, que estava sempre, *sempre* a implicar comigo. Mas nem sequer era só comigo. Ele implicava com imensa gente, e nunca ninguém fazia nada quanto a isso. Limitavam-se todos a dizer idiotices como: *Ele é invencível*. A mesma lengalenga que o treinador com a cabeça de bólingue não parava de repetir sobre aquele miúdo, o Lu. Eu achei... argh. Quer dizer, ele era rápido, mas para dizer a verdade não era assim *tão* rápido.

Quando toda a gente acabou, o treinador voltou ao início e deu a todos uma nova oportunidade para tentarem melhorar o seu tempo. De maneira que lá foi o Lu outra vez. Voltou a dirigir-se a bambolear para a linha de partida, muito cheio de si. Fez uns alongamentos, deu meia dúzia de saltinhos. E a senhora do outro lado da pista tornou a gritar. O miúdo estava só a concentrar-se e ela histérica como se ele tivesse feito algo de extraordinário. As pessoas à volta fitavam-na como se fosse maluca, claramente chateadas. Os colegas de equipa não tiravam os olhos dele. Alguns pareciam em pulgas para ver o grandioso Lu a correr outra vez. Outros pareciam... fartos. Provavelmente era assim que eu estava. Era sem dúvida assim que me sentia. Farto do Lu, do Brandon, e de quem quer que se julgasse invencível. Já para não dizer que tinha ficado sem sementes de girassol, e portanto não havia nada que me refreasse de me levantar e mostrar-lhe que ele

não era assim tão bom e que eu nunca tinha tido uma aula de corrida na vida e era capaz de lhe dar luta, senão mesmo de o vencer. Então, passei por cima das cascas de sementes de girassol que se tinham amontoado entre os meus pés como uma montanha de moscas mortas, e dirigi-me, não propriamente para a pista, mas para a relva ao lado. Pus-me em linha com o Lu, que entretanto se tinha ajoelhado em posição de partida. Eu não precisava de nada daquilo. Só tinha de arregaçar as calças de ganga e prender os atacadores dos ténis de cano alto e estava pronto.

O treinador cara-de-tartaruga reparou em mim e gritou.

— O que é que estás aí a fazer, miúdo? As provas para a equipa foram a semana passada.

Eu não disse nada, e o treinador acrescentou:

— Isto é um treino privado.

Continuei sem responder, limitando-me a enrolar as mangas da t-shirt até aos ombros.

— Não estás a ouvir? — perguntou o treinador, um pouco mais alto. Começou a aproximar-se. Os outros miúdos olhavam especados para mim como a maioria dos miúdos olham sempre. Como se eu fosse diferente. Como se não fosse um deles. Mas também não interessa. — Não consegues perceber o que é que *privado* significa? — troçou o treinador. Eu lembrei-me de uma boa resposta, mas guardei-a para mim.

— Já, meu, a pista é reservada a atletas, e não a malta que quer brincar aos atletas — atirou o Lu, já de pé. Olhou para mim de cima para baixo e mostrou-me um sorriso arrogante.

— Sobre lá no apito de uma vez! — disse eu finalmente ao treinador. Ele parou onde estava com um ar furioso. Olhou de relance para o Lu antes de continuar na minha direção. Apontou o braço com a prancheta esticada para mim.

— Olha, tens uma oportunidade, ouviste? Depois, não te quero ver mais por aqui — ameaçou. — Isto não é nenhuma brincadeira, percebeste?

Fiz-lhe um ar de *‘tá bem, ‘tá bem* e assenti. Ele apontou novamente para mim com a prancheta, como se me metesse medo. Pelo amor de Deus. Então, enquanto o treinador voltava para a linha da meta, o Lu abanou a cabeça e rosnou:

— Espero que estejas pronto para levar uma coça.

Desta vez disse-o mesmo:

— *‘Tá bem, ‘tá bem.*

Fitei-o com um olhar gélido, para ele ficar a saber que não me metia medo nenhum. E era absolutamente verdade. Íamos só correr um contra o outro, e não lutar. Porque é que eu havia de ter medo de um copinho de leite com sapatilhas de corrida finórias?

Ao fundo da pista, o treinador gritou:

— Às vossas posições...



Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



«NUNCA DEIXES QUE NINGUÉM FAÇA POUCO
DA TUA VIDA OU DOS TEUS SONHOS.»

Castle Cranshaw, ou Ghost, como ele próprio se intitula, é um miúdo considerado “problemático”. Vive sozinho com a mãe e uma das coisas de que mais gosta é descobrir novos recordes do *Guiness*.

Um dia, Ghost passa por uma equipa de atletismo que está a treinar e fica com vontade de experimentar. Ghost impressiona todos os presentes com a sua incrível velocidade e o treinador convida-o para entrar na equipa, mas com uma condição: ele tem de ter bom comportamento e bons resultados não só na corrida, mas também na escola.

Não é assim tão fácil manter-se fora de sarilhos, mas Ghost integra-se no grupo e aprende as maiores lições com os seus erros e com as revelações dos colegas e do próprio treinador.

Ao longo do livro é Ghost quem nos conta a sua história, que nos revela a importância do desporto, da amizade e da capacidade de sacrifício para se superar na pista e fora dela.

 <p>imagina descobre voa</p> <p>20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-707-889-7</p> <p>13+</p>  <p>9 789897 078897</p> <p>Literatura Juvenil</p>
--	---